

Amanhã encerram-se as comemorações, determinadas por Sua Santidade o Papa Paulo VI, aos dezenove séculos da morte de S. Pedro, e primeiro sucessor de Cristo na Terra.

E hoje, 28 de junho de 1968, transcorrem cem anos do nascimento de meu pai, o Dr. Júlio Soares de Arruda, que já me acostumei a ver reverenciado com amor e admiração por esta cidade, e que era devoto fervoroso e profundo admirador de S. Pedro primeiro Papa da Igreja, e Santo amantíssimo.

Talvez a quase coincidência das duas datas, mais o meu fervor cristão e o meu inexaurível amor filial, é que me tenham encorajado a rabisar estas linhas, ditadas muito mais pelo amor de filha, e pela admiração de cidadã, do que por veleidades literárias, a que não pretendo.

Parecem-me já ter sido cantadas de sobejo, as qualidades científico-profissionais do Dr. Júlio Soares de Arruda,

Centenário de Júlio Soares de Arruda

Thomires de Arruda Fabiano Salles

primeiro oftalmologista e otorrinolaringologista de Campinas; também já muito se tem dito de sua proficua e honrada atividade política, que ele exerceu como integrante da edilidade campineira, decantada também tem sido a sua sólida cultura de homem sensível às delícias literárias dos grandes clássicos, ou a sua larga erudição de poliglota, com cursos de especialização profissional em Viena e outros centros europeus.

Mas não é tanto o Dr. Júlio Soares de Arruda — estudioso profundo médico brilhante, político honrado, erudito notável — que me traz ao cometimento deste escrito: apraz-me mais di-

zer do outro, do “Dr. Julinho”, tão admirado dos doentes, tão amado dos pobres, de tão inesquecível e pungente memória — o “Dr. Julinho”, meu pai...

Afetividade e singeleza — estas creio serem as qualidades que melhor definem o seu caráter e a sua personalidade. Educando os filhos no amor e no respeito à pessoa humana, papai não fez mais que transmitir-nos, a mim e a meus irmãos, a sua maneira autêntica de ser e de agir diuturnamente, atestada, por exemplo, no desvelo e no sentido de caridade com que ele se dedicou à Santa Casa de Misericórdia, onde fun-

dou e dirigiu a Enfermaria dos Olhos.

Amando desmesuradamente a vida, que ele encarava como um espetáculo diário, era com esse amor que meu pai cuidava dos olhos, como pretendendo garantir aos outros a bênção de poderem ver o espetáculo da vida.

Todos os que o conheceram, sem qualquer descriminação, puderam sempre encontrar nêlo o amigo leal e sincero, pronto a ouvir, a confortar, a prestar auxílio efetivo, sem nada pedir em troca.

E á afetividade e singeleza com que pretendi caracterizar a pessoa de meu pai, há que acrescentar

ainda a inteireza moral, como linha mestra de sua conduta. Nenhuma ação, nem nenhum julgamento partiram nunca dêle, que não estivessem escorados na mais pura e autêntica rigidez de princípios, numa decisão inabalável de identificar sempre o Bem e a Verdade, com a Justiça e o Amor — como deve mesmo de ser, quando se trata de um fervoroso devoto de S. Pedro, o sucessor de Cristo na Terra.

Assim, a oportunidade de data tão cara desperta em mim a necessidade desta elocubração, em que não se queira ver pieguice ou desejo de auto-promoção familiar, mas sim a manifestação incontida de imperecível saudade de filha, e do profundo orgulho de campineira, pela memória marcante e confortadora do homem íntegro, bom e valoroso que foi o Dr. Júlio Soares de Arruda — o “Dr. Julinho” — meu pai.

Concis Populas - 28-VI-1968